



ÁREA TEMÁTICA: POPULAÇÕES, GERAÇÕES E CICLOS DE VIDA

LUGARES DE VELHOS POBRES EM GRUPOS DE CONVIVÊNCIA NO NORDESTE
BRASILEIRO

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida.

Mestre em Sociologia

Universidade Federal do Ceará / Universidade Regional do Cariri

saviocordeiro@gmail.com

Resumo

Nas sociedades contemporâneas, observa-se desde o final do século XX o nascimento de uma “nova velhice” e o surgimento de termos classificatórios como “terceira idade”. Como fator associado a essas noções, no Brasil, destaca-se a emergência de grupos de idosos. Esta comunicação apresenta resultados parciais de pesquisa realizada com grupos de idosos pobres na cidade de Crato, no Nordeste do Brasil, enfocando representações sobre terceira idade inseridas na experiência de convivência coletiva.

Palavras-chave: Velhos; Terceira Idade; Sociabilidade, Brasil.





1. INTRODUÇÃO

O universo desse estudo se compõe de velhos que estão reunidos em grupos de convivência de idosos na cidade de Crato (112 mil habitantes), no sul do Ceará, Nordeste do Brasil, cujas pessoas mais avançadas na idade estão em condição de passagem de formas de sociabilidades primárias características do mundo rural para outras mais amplas mais próprias do mundo urbano e moderno (Wirfh, 1979), atingindo a condição de velho na transição de relações mais próximas - família, vizinhança e colegas de trabalho -, para práticas que caminham no sentido de valores ligados ao mundo moderno e urbano. Naquela cidade, o palco da experiência de mudanças em viver a velhice são os grupos de convivência de terceira idade. Crato espelha a rotina e repetição de outros pequenos municípios daquele país, onde os grupos de convivência tornam-se palco de inovadoras experiências coletivas de idosos pobres na forma de viver a velhice, passando pela mudança de papel na família, e por aprendizados de novos conhecimentos relativos ao corpo, prática de ginástica, ocupação do tempo livre com atividades de lazer, convívio social, participação em palestras sobre direitos e sexualidade, associações de interesses específicos e mobilização na luta por direitos.

O objetivo desse texto é analisar como indivíduos velhos, pobres, agrupados se localizam e se constroem em torno da noção de terceira idade. A questão que busco responder é sobre os significados que estão sendo construídos nos grupos de convivência de idosos do Crato a partir de noções importadas de terceira idade. Os instrumentos metodológicos utilizados, cujos dados produzidos foram usados nesse texto, foram o questionário e a observação. Primeiro, dos 20 grupos existentes (com cerca de um mil participantes no total), selecionei 14 mais representativos (com um total de 786 participantes). Entre estes, estipulei uma amostra com 160 indivíduos (aproximadamente 20% do total de participantes nos grupos selecionados) considerando a assiduidade nas reuniões do grupo. O questionário foi elaborado com perguntas fechadas voltadas para o perfil do participante e perguntas abertas relacionadas a impressões sobre do grupo e temas afins ao envelhecimento. Durante o período de aplicação de questionários estive presente em diversos eventos e situações de encontro dos grupos como reuniões, passeios, festas e funerais para registrar observações.

Estudos de terceira idade no Brasil indicam que os grupos de idosos com fins de convivência têm como característica fundamental as relações de sociabilidade, ou melhor, a constituição de novas sociabilidades em contraposição a sociabilidades tradicionais (Motta, 2003; Motta, 2004; Peixoto, 2000; Cabral et alii, 2003). De maneira ampla considera-se que a sociabilidade se constitui como uma malha de relações sociais tecidas pelos indivíduos na vida cotidiana, na qual, a “sociabilidade estabelece um elo entre interações sociais cotidianas e as relações sociais efêmeras. Resta, então, aos indivíduos escolher, no conjunto das atividades que organizam e desenvolvem, sua participação na vida coletiva, seus amigos e parceiros amorosos” (Peixoto, 2000: 46).

Nos grupos surgem embriões de novas redes do tecido social, novas relações nascidas da busca de pertença, construindo condições societárias para suprir o vazio social, que já não são atendidas pelas mudanças no perfil de sociabilidades urbanas e modernas ou das cidades em crescimento. O advento de territórios de sociabilidades de idosos nos grupos de convivência tem por um lado a promoção de encontros com base em identidades geracionais, etárias e por outro, a inculcação (Pinto, 1998) ou atualização das representações fundamentadas na gerontologia social e na informação de direitos. No âmbito das práticas de sociabilidade incluíram-se contar histórias, anedotas, piadas, cantar, recitar poesias (cordel), dançar, comer junto, atividades lúdicas e o lazer coletivo de maneira geral. Dessa forma, as diversas manifestações de interações nesses grupos estariam próximas da classificação do tipo puro de sociabilidade esboçado por Simmel (1983: 61). A prática de sociabilidade pura seria, a exemplo, a conversa descomprometida que não pretenderia ser mais do que uma conversa relacional, cujo conteúdo encerra-se em si mesma, e assim seria a forma mais pura e elevada de reciprocidade.



2. A TERCEIRA IDADE NO BRASIL

Desde a década de 1960, a partir dos países centrais, deu-se um crescimento demográfico de pessoas idosas que, graças a múltiplos fatores, destacando-se os avanços no campo da saúde, a criação de nicho no mercado de consumo e as conquistas sociais e econômicas de aposentados que têm desenvolvido novas formas de representar a velhice e viver as etapas finais do curso de vida, levaram a emergência do que se pode nomear por terceira idade (Debert, 2002)

A “reinvenção da velhice” no Brasil, a partir dos anos 1990, foi marcada pelas lutas das associações de aposentados e pelos programas para a terceira idade. Reconhecendo que existem diferenças entre os programas de terceira idade (Debert, 2004), pode-se englobá-los como espaços voltados para reunião de idosos, a exemplo: grupos de convivência de idosos, grupos de interesses específicos, escolas abertas a terceira idade, universidades para a terceira idade. O fato é que a cada ano o Brasil possui mais idosos e eles se distribuem nas diferentes camadas, segmentos ou classes sociais, vivendo a velhice de forma diferente entre si, dependendo do contexto onde cada um se encontra inserido, mas com um horizonte iluminado por noções inovadoras relacionadas à sua faixa etária.

Devido às sucessivas quedas das taxas de fecundidade e à diminuição gradativa das taxas de mortalidade registradas nas últimas décadas, o envelhecimento da população brasileira é fato irreversível. A proporção de pessoas de 60 anos ou mais passou de 7,9% em 1992 para 9,1% em 2001, ou seja, 15,3 milhões de pessoas de 60 anos ou mais. Em 2020, os idosos representarão 11,4% da população brasileira, ou 25 milhões de pessoas numa população total de 219,1 milhões. Há previsões que apontam para um Brasil que será o sexto país mais envelhecido do mundo em 2025 com mais de 34 milhões de idosos, e estima-se que chegue a 16% em 2030 (IBGE, 2006). Eles estão compondo rapidamente uma mudança na paisagem demográfica aderindo a novas representações sobre a velhice.

Os indivíduos da “terceira idade” estão nas ruas das metrópoles ou de qualquer cidadela com um mínimo de urbanidade e modernidade. Pelas manhãs ou às tardes, lá estão, de tênis, camiseta e bermuda exercitam-se em caminhadas pelas calçadas e praças. Aqueles em melhores condições financeiras e físicas mexem-se nas academias, também em parques e praças. Frequentam consultórios geriátricos e de cirurgias plásticas. Independente da condição de saúde, elas e eles assumem a dianteira nas filas de atendimentos públicos. Estão nas lojas de artigos especializados, nas agências de turismo e de dinheiro fácil para empréstimo, no apartamento de cima, na casa ao lado, na família de cada um e de todos. A imagem da “terceira idade” também está na mídia, nas novelas, nos noticiários, no cinema, na imprensa televisiva, nos outdoors, nas revistas semanais e especializadas, nos livros de auto ajuda, nas publicidades, em correspondência ao desenvolvimento de um mercado de consumo de produtos e serviços que cresce acompanhado a tendência de envelhecimento da população.

As representações sobre velhice como terceira idade no Brasil são noções importadas que vão fundamentar a percepção nativa de terceira idade e também configurar suas práticas. Becker (1993) ressalta que as representações da sociedade devem ser encaradas como fatos sociais, e afirma que as representações não devem ser particularizadas em si como o mais importante na pesquisa, mas, sobretudo, as atividades através das quais são produzidas e consumidas.

Tentando situar-se nesse quadro de representações o comportamento paradoxal é o que parece preponderar nos “novos velhos”. Um informante sempre me falava em tom de deboche que na sua casa estão todos velhos, contudo ele se incomodava e reagia quando alguém a quem ele considerava jovem, falava alguma coisa que pudesse ser interpretada como depreciativa por incluí-lo na condição de velho. “Eu não me sinto velho”, é uma expressão bastante comum ao se comentar sobre velhice com alguém com idade mais avançada cujo perfil é o da velhice ativa. A noção de velhice ativa é característica da “nova velhice” ou terceira idade. Ser ativo, participar, se integrar são exigências da terceira idade.

A definição de indivíduos idosos como pessoas integradas à sociedade passa pelo exercício de militância política, pela inserção no mercado de trabalho e pelas práticas de sociabilidade (Peixoto, 2004). Uma



velhice ativa, produtiva, bem sucedida e integrada depende, certamente, do modo como a terceira idade é pensada pela sociedade, pelo indivíduo, pelos saberes compartilhados e suas significações, ou seja, pelas representações pensando no conceito original de representações coletivas, formulado por Durkheim (2000), no qual a consciência coletiva é integrada por fatos sociais, que se constituem por representações coletivas. As representações coletivas conservam sempre a marca do substrato social em que nascem, mas manifestam uma autonomia ao juntarem-se, produzindo novas, cuja causa são outras representações.

Este processo de chegada da terceira idade foi vivido anteriormente com a velocidade, os pormenores, e intensidade própria dos contextos de modernidade nas metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Fortaleza, a exemplo. Pelo interior, especialmente do Nordeste, a observação desse processo carece de análise da sua construção, sobretudo, através de interações que se estabelecem nos grupos de convivência e de como neles as representações coletivas de terceira idade passam a ser uma filosofia de vida nas suas práticas. Os fatos relacionados a velhos como atores sociais agrupados são uma novidade no panorama social.

As noções de terceira idade originadas em sociedades centrais (Peixoto, 2000) que protagonizam a convivência grupal como forma de sociabilidade chegaram em ritmo compassado em cidades do interior como o município de Crato/Ceará. Naquele município, o palco da experiência de mudanças em viver a velhice são os grupos de convivência de terceira idade. Lá não há grupos ou clubes de terceira idade nas classes médias, nem altas, todos são formados por pobres. Embora os *mass media* abranjam todo o território nacional e tenham nos últimos anos um papel publicador de conteúdos ligados a terceira idade, viver a velhice numa metrópole onde os avanços sociais se dão mais rápidos e as conquistas de cidadania estão mais sedimentadas difere obviamente da situação no longínquo interior onde o peso das tradições se faz mais forte e as mudanças sociais tendem a ocorrer de forma mais lenta. Como é que os conceitos relativos a terceira idade operam nos indivíduos agrupados no interior? A complexidade do estudo da velhice impõe foco em situações específicas e demarcação de pontos de vista, na medida em que se considere as particularidades dos contextos sócio-culturais e o aumento do contingente de indivíduos que se enquadram em estereótipos de velhos ou em conceitos genéricos de terceira idade.

As formas pelas quais abordarei a velhice partem das seguintes condições: 1. Indivíduos considerados velhos/idosos segundo critérios da Organização Mundial de Saúde, seguido pelo governo brasileiro, no qual idoso em países em desenvolvimento é a pessoa com mais de 60 anos idade; 2. Indivíduos pobres segundo critérios determinados por critérios de padrões de vida estabelecidos no campo da pesquisa; e 3. Indivíduos reunidos em grupos de convivência de idosos.

O primeiro aspecto a se destacar na formação dos grupos de convivência no Brasil é a introdução de novas noções de velhice. Trata-se do conteúdo que os fomenta em termos de fundamentos ideológicos, que no caso, são noções importadas de uma “nova velhice” como “terceira idade” e os grupos assimilam não como saberes locais mas como saberes importados. São noções obtidas, reelaboradas ou não, mas necessariamente incorporadas para dar sentido à experiência dos grupos. O rótulo de velhice não deixa de ser incômodo, as noções de terceira idade passam então a tornar positiva a velhice sob a fórmula da atividade em contraposição a noção anterior relacionada a auto abandono e acomodação.

O segundo aspecto na criação de um grupo refere-se ao líder de grupo. Considerando que os grupos atuam num universo onde a velhice é percebida como um problema social, os líderes são intermediários culturalmente favorecidos que desempenham a função de porta-vozes na difusão de informações atuando como “trabalhadores sociais” (Lenoir, 1998). Estes são chamados nos grupos de “coordenadores” e nas instituições de apoio de “agentes”, “facilitadores” e, principalmente “animadores”. Figura que geralmente trabalha como voluntário atuando de forma abnegada auto designada como caritativa, ou filantrópica, o trabalhador social é fundamental para o surgimento, a continuidade e multiplicação do grupo, de modo que, via de regra, os grupos só tomam impulso a partir do surgimento de um coordenador/animador. Muitas vezes é um líder carismático por quem há uma devoção afetiva à sua pessoa, com alguma experiência no trabalho social: uma liderança de bairro, um agente pastoral ou de saúde do Estado. Nos grupos, os



coordenadores são a peça fundamental da coesão grupal (Motta, 2004: 114) e da cultura que se estabelece na convivência de pessoas cujas relações tradicionais ou a sua ausência já não respondem as necessidades de sociabilidade da população mais idosa nos diversos segmentos sociais. Como líderes carismáticos, muitas vezes além de organizadores, mobilizadores e porta-vozes, são muitas vezes a própria razão de ser do grupo, presença sem a qual o grupo se dissolveria.

O terceiro aspecto importante relaciona-se às mudanças nas relações da família quando os indivíduos foram socializados em contextos onde velhos continuavam no espaço da família. Contemporaneamente, uma transformação do espaço do velho na família provocaria impactos na relação com o idoso. O que antes era tido como fundamentalmente atribuição da família, no sentido de apoio, cuidados e trocas emocionais significativas parece estar sendo transferido aos grupos. Nas famílias tradicionais, extensas, os novos membros das famílias, mantinham reverência aos idosos. O velho com ou sem dinheiro tinha prestígio pela sua condição etária e valor pela sua experiência acumulada de anos e como membro da família. No meio urbano, as mulheres pobres e idosas podem continuar a manter o funcionamento da casa e os homens idosos manterem-se ociosos a ver televisão ou deambulando por locais de sociabilidade masculina (praças e bares). Elas e eles com o avançar da idade, senis seriam abandonados pela família, ficando encostados num quatinho ou depositado em asilos. Acontecendo uma vacuidade do lugar próprio do idoso, faltando-lhe condição material e referência identitária, o indivíduo passaria a buscar uma pertença que lhe seria ofertada em um grupo de convivência.

O quarto aspecto refere-se ao advento da aposentadoria pública para amplas camadas da população carente do país. Embora haja indivíduos não aposentados e sem rendimentos participando em grupos, o fato é que os velhos aposentados como fonte de renda voltam a ter condições mínimas de gerirem suas vidas, já que financeiramente não são estorvo para a família. É, em geral, a renda da aposentadoria que cria a condição de velhos como provedores na família terem tempo livre e um mínimo de recursos para disporem a atividades do grupo.

3. PERFIL DOS PARTICIPANTES E ATIVIDADES GRUPAIS

Esse estudo trata de um contexto cultural específico: o Crato, uma cidade comum do ponto de vista da sua formação, ou seja, a sua fundação como comarca, elevação à vila e, posteriormente, município aconteceu como em muitas cidades coloniais: uma vila de casas ajuntadas precariamente em torno de uma capela formando um arraial (Menezes, 1985). Não é, portanto, uma cidade que tenha nascido de um planejamento em torno de uma atividade econômica ou política, mas sim um ajuntamento por assim dizer surgido “espontaneamente” a partir de deambulações, necessidades populacionais e conveniências ambientais. Situado em meio físico de topografia acidentada, que os nativos chamam de “buraco”, a 506 km da capital Fortaleza, no litoral.

Entre a população do município (104.646 habitantes), 9.1% (9.528) são idosos (IBGE Censo/2000)¹. Do número total de idosos, ou seja, em torno de mil pessoas estão reunidas em grupos de convivência. É uma parcela pequena, mas significativa da população. Os grupos são predominantemente formados por mulheres, 90% no total. O comparecimento masculino observado em cada grupo raramente chega a 20 % dos participantes. A faixa etária é variável, sendo que há maior concentração está entre 70 e 79 anos, 32%, seguido daqueles com a idade entre 60 e 69, 30%. No estado civil predominam os viúvos, 41%, seguidos dos casados, 32%, e em menor proporção os solteiros, 27% (incluindo “separados” / desquitados / divorciados). Na composição familiar vivem com uma família (composta com filhos, netos e agregados), 46%; seguido daqueles que moram com conjugue, filhos, netos e agregados dependentes, 27%, e em terceiro dos que moram só, 14%. A renda familiar predominante gira em torno de um salário mínimo, 38%, correspondente a aposentadoria de um idoso². Seguido dos que tem renda de um e meio salários mínimos, 21%, e dos que tem renda de dois salários, 21%. Sobre trabalho, 22% considera que trabalha, enquanto 78% não considera suas atividades como trabalho. É importante notar que os entrevistados só consideram “trabalho” quando há uma remuneração financeira prevista com periodicidade regular. Nesse caso, ficam fora dos dados computados os rendimentos provenientes de trabalhos ocasionais, as atividades agrícolas



complementares a subsistência – criação de animais, roças e hortas -, e os trabalhos domésticos. Dos que tem rendimento, 39% são arrimos de família, 35% não mantêm família ou mantêm apenas a si mesmos, e 26% participam secundariamente na manutenção da família. A maioria é composta de famílias pequenas: 62% com 2 a 4 membros seguidas daquelas com 5 e 6 membros, 12%.

O maior número deles, 73%, é de semi-alfabetizados, são os “analfabetos funcionais”, individuais que tiveram só até 4 anos de estudo e que geralmente só conseguem escrever precariamente e ler pouco. Havendo uma parcela considerável de não alfabetizados, 13%, seguidos da parcela dos que fizeram entre 5 e 9 anos de estudo, 11%.

As reuniões acontecem nas sedes dos grupos ou em local público cedido – creche ou escola. As sedes dos grupos mais antigos são mais equipadas: galpões com bancos de madeira e uma mesa que pode ter a função de mesa de refeição e de altar do santo protetor da casa. Há grupos que a sede é uma árvore em baixo da qual acontecem as reuniões. Sentam-se em tamboretas, na grama, ou no chão de terra. As reuniões acontecem com periodicidade variada. Podem ser semanais, quinzenais e mensais. Todos os grupos têm o elemento religioso com ponto de convergência. Por isso, geralmente uma reunião inicia e termina com prece. As preces variam. Nos grupos em que há presença de evangélicos, mas que predominam católicos, rezam-se o repertório católico. Quando na coordenação do grupo há evangélicos, rezam-se os Salmos que funcionam para as duas vertentes cristãs. No caso de grupo kardecista, a prece é mais “espontânea”. A presença da prece como ritual recorrente em todos os grupos é um dos elementos marcantes nos conteúdos dos encontros e é importante para entender a estrutura das relações que ali acontecem. Outros elementos fazem parte da programação ordinária dos encontros. Geralmente, dividem o tempo entre informes, dinâmicas de grupo, preces, e muita conversa, quando falam todos ao mesmo tempo. O repertório das conversas geralmente abrange informações de eventos acontecidos na vizinhança desde a última reunião, problemas pessoais e nas famílias, fatos extraordinários (a inundação no bairro tal), contexto social em que vivem (“violência” – assaltos, homicídios etc.), histórias antigas de eventos que eles testemunharam (paisagens modificadas, por exemplo), a seca ou o inverno, e fofocas (comentários sobre os outros participantes). Há grupos que organizam cursos de artes manuais, e alguns mantêm um ritmo de produção artesanal coletiva.

Ocasionalmente, recebem visitas de alunos do curso de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri participantes do Programa “Anjos da Enfermagem”, como também de alunos do Curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará (em Barbalha). Esses alunos fazem palestras sobre cuidados com a saúde e verificam a pressão arterial dos participantes. Outra programação em expansão é a ginástica feita em quadras ou hidroginástica em piscinas de hotéis. Ambas, são ministradas por militares do Corpo de Bombeiros do Ceará dentro de um programa de aptidão física voltado para a “terceira idade” (“Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade”) criado naquela instituição. Fazem “caixinhas” coletivas com “feiras da pechincha”. Nessas feiras são vendidos objetos usados ou semi novos a preços baixos. O dinheiro arrecadado é usado para eventos, passeios, viagens e festas. As viagens tem como destino locais históricos, turísticos ou relacionados a festas religiosas distantes geralmente em torno de 200 quilômetros e alguns organizam viagens mais longas até a praia com periodicidade anual. Viajam a noite para Fortaleza ou outra cidade do litoral cearense. O dia na praia, passam o tempo tomando banho e retornam na noite seguinte. Tiram muitas fotos que serão contempladas por um ano, até o próximo passeio.

Os participantes dos grupos seguramente buscam positivities e beneficiamentos nos grupos, que correspondam à suas motivações e necessidades. Aqui, interessa saber como os participantes fazem os grupos existirem a partir das suas percepções de terceira idade e como os grupos são descritos por eles mesmos. Como eles pensam suas interações grupais? De que forma as práticas vivenciadas nos grupos são percebidas pelos indivíduos envolvidos nos grupos como atores no processo de representação da terceira idade?



4. OS OLHARES DO CAMPO

Embora haja uma feminização da velhice (IBGE, 2002) a distância entre homens e mulheres nas faixas acima de 60 anos nunca chega a ultrapassar 10%, precisamente: Pela preponderância do feminino (90%) pode-se inferir que: o grupo não responde as necessidades grupais dos homens que se mantêm ativos, isto é, os homens ainda adultos não idosos desenvolvem círculos de sociabilidade na esfera pública, que na velhice são transferidos para o bar e as praças; outros mais sedentários preferem ficar a ver televisão. As mulheres que passaram as etapas anteriores da vida em ambiente doméstico trabalhando para a própria família ou para outras famílias, aderem mais facilmente a proposta dos grupos. Isto é expressado nas avaliações positivas feitas aos grupos. 92% das respostas se referem ao grupo como: “bom”, “maravilhoso”, “ótimo”, “importante”, “lindo”, “jóia”, e 11% de respostas consideram o grupo educativo. Afirmam que desde que ingressaram no grupo se sentem mais felizes, 44%, com mais saúde, 35%, saíram da solidão se socializando, 19%, e obtiveram mais conhecimentos de seus direitos, “livraram-se do cativeiro”, 19%. Há prazer nos encontros em atividades de lazer, 24%, nas palestras, 22%, pela presença de amigos, 15%, e pelo clima emocional formado, 15%, isto é, ambiente descontraído, calor humano, entusiasmo das pessoas e animação do grupo. Mas eles em geral não estão conformados com as condições e dinâmicas dos grupos e expectativas em relação ao grupo no sentido de conseguir uma sede, 48%, de melhoria de renda do grupo, 21%, e de promoção de mais lazer. Nos espaços de encontros conversam sobre questões do grupo, 26%, e sobre saúde/doença com 23%, dicas para viver melhor (14%) entre outros dos conteúdos citados.

No estudo de participação segundo a distribuição etária observa-se um contingente de indivíduos menores de 60 anos, demonstrando que os grupos oferecem atrativos que não são específicos da faixa convencional da terceira idade (60 em diante). Poder-se-ia destacar entre os atrativos abrangentes atividades de lazer, a dança, as festas e os passeios. Embora os grupos não cobrem cotas financeiras de participação em dinheiro, há outras exigências ao pertencimento e estas, além de obrigações de assiduidade e participação, são identificações com a “terceira idade”, quesito que tanto aqueles menores de 50 (5%) quanto os na faixa entre 50 e 59 (26%) devem se enquadrar. No outro extremo está a faixa entre 80-89 bastante reduzida (7%) que se relaciona a expectativa de vida do Nordeste, tendendo a ser menor que a do Brasil, além do que só na última década houve um aumento significativo dos grupos com conseqüente ingresso das faixas entre 60 e 79 (62%). Nos grupos há aqueles que mantêm uma assiduidade regular, outros tem uma presença mais esporádica, mas a taxa de evasão é estatisticamente zero.

O acesso ao grupo se dá por intermédio de amigos, 32%, seguido pelo convite de membros do grupo, 13%, que via de regra são circunstâncias decorrentes de interações em ambientes de trabalho, círculos religiosos ou proximidade de vizinhança. Aqui pode-se inferir que no contexto em estudo há nos grupos um forte componente de formação de comunidades cujas bases locais antecedem as noções importadas de terceira idade.

Aprenderam nas palestras referidas a auto cuidados aprenderam que atividades físicas são essenciais para manutenção da saúde, disposição e bom humor. A adesão a essa cultura tem se dado continuamente mais a maioria ainda não realiza qualquer física, 59%. Caminhar e “andar de bicicleta” já é reconhecida por 8% deles como atividade física. 10% faz alongamento regularmente, e 23% pratica ginástica orientada.

As danças praticadas são principalmente ritmos regionais nos quais se destaca o forró e a dança grupal “roda de côco”. A dança que é uma das atividades em grupo mais vigorosas e citadas como prazerosas não é considerada por eles como “atividade física”, mas como lazer com 52% das preferências entre as atividades que mais realizam no grupo, seguido de passeios, 40% e das reuniões, 35%.

É através do trabalho das lideranças de grupos e da exposição aos meios de comunicação que esse universo elabora suas representações sobre velhice e constrói as noções sobre terceira idade.

“Ser velho” e o “significado de velhice” foram quesitos agrupados porque os interlocutores não fazem distinção na percepção dessas noções. Sobre velhice e “ser velho”, ambas as expressões tem significados negativos e positivos. De um ponto de vista como negativo e rejeitado significam viver passivamente



acomodado, 53%. A passividade referencia uma atitude negativa devido ao auto abandono. Estar acomodado e viver passivamente é a síntese de situações por eles expressas tais como: “estar encostado”, “viver acabrunhado”, não participar em grupos, viver sem se divertir, sem gosto e força, e não ser útil. Ser velho também significa doença e dependência, 31%, conferindo o significado de respostas que expressam: decadência, não ser jovem, estar uma pessoa cansada, e não ter liberdade. Essas respostas se referem a uma condição negativa devido a uma situação externa involuntária e fora de controle do indivíduo. Como também foge ao controle do indivíduo a situação de abandono, 15%, que no caso é devido a terceiros ou familiares. O que há de positivo na velhice e em ser velho, 41%, se refere a relação idade/experiência. Nesse caso a velhice entendida como idade avançada que madurece o indivíduo pelas experiências vividas tem características positivas que são articuladas como: “realização” e “uma graça”, sendo ainda resultante atuação voluntária do indivíduo. Representando a velhice com valores negativos e positivos parte deles vai considerar-se velho, 19%. Os que se consideram velho com conotação positiva relacionam velhice a idade. Os que se consideram velho com conotação negativa justificam estarem velhos: “por doenças”; “pelo espelho” e “por limitação de atividades”. A maioria não se assume velho: 81%. Estes que não se consideram velhos justificam sua resposta afirmando: “porque tenho atitudes e práticas positivas”; “gosto de viver”; “participo de movimentos”; “na lembro da idade”; “tenho mente sadia”; “sou feliz”; “tenho coragem”; “tenho sonhos”; “tenho fé em Deus”; “tenho vigor e disposição”; “sou jovem, pulo, canto e danço”; “sou divertido”; “pratico atividades”; e “gosto de trabalhar”.

Difere o que acontece com a expressão “terceira idade” que todos se identificam e se assumem como tal. Porém não há um discurso mais elaborado e o entendimento do conceito se dá ora por sentidos abstratos definidores de satisfação com as positivities advindas do convívio grupal, ora apenas como faixa etária. Para 36% deles terceira idade significa “tudo de bom”, isto é: “um presente de Deus”, “maravilhoso”, “viver com esperança e amor”, “viver o que não viveu antes”, “melhor momento da vida”, e “mais bela idade”. Para 30% terceira idade significa ter mais de 60 anos, indicando uma conotação puramente conceitual, sem qualquer conteúdo valorativo.

5. CONSIDERAÇÕES

Abordando pessoas participantes em grupos de convivência no Crato que estão vivenciando a condição de velho, observamos que são idosos cujas práticas sociais e as palavras usadas lidam com novas realizações espaciais nesse lugar aparentemente sem lugar que é a velhice.

Há nos grupos de idosos do Crato uma re-apropriação de noções características da terceira idade que são oriundas de programas institucionais e que se efetivam em práticas de convivência. Nos seus discursos há alusões e referências a positivities dos grupos, tratamento ao corpo, expansão da interação e conquista de espaços de sociabilidade sobretudo para as mulheres.

Os participantes nos grupos saem da condição de velho perdido no tempo e no espaço para ser velho em grupo. Velhos agrupados que se situam e se constroem em torno da noção de terceira idade. O indivíduo que participa em grupo deixa de ser um “sem-lugar”. Há uma criação de lugar próprio sob o “guarda chuva” da noção de terceira idade. Nas suas respostas a perguntas abertas o passado não está presente nos discursos dos participantes de maneira especial. Como membros de grupos de convivência eles, os velhos, se identificam e se apresentam como figura da “terceira idade”. Entre eles predominam conversas sobre o cotidiano, terapêuticas e reflexivas. As práticas remetem a atividades que promovem bem-estar. O grupo também se constitui como referência ao idoso por informação de como se cuidar e da conquista de direitos.

Com o advento da terceira idade há uma nova representação sobre velhice nos grupos de convivência. Antes da existência de grupos de convivência essas gerações nunca pensaram sobre ser velho como estão pensando atualmente. Derivam desses saberes as noções de que é preciso se cuidar, fazer ginástica, encontrar com amigos, ter lazer, um tempo para si mesmo, administrar suas finanças. Em Crato, é nos grupos que tem se dado uma ressignificação da velhice e neles, de novas formas de sociabilidade. E, embora haja a presença de um conteúdo religioso em todos os grupos estudados, há práticas que



caminham no sentido de valores ligados ao mundo moderno de ocupação do tempo livre com atividades de lazer, da ginástica, de palestras sobre direitos e sexualidade. Classificando a velhice e o lugar do velho, os grupos transferem saberes que pretendem prevenir uma decadência acelerada do corpo, que nesse caso é um corpo de trabalhador. A partir da emergência dos grupos, as práticas no interior deles e nos espaços sociais estão influenciando nos estereótipos e provocando mudanças nas representações que o idoso agrupado faz de si mesmo. A figura caricatural de representação do velho como estereótipos negativos ou positivos, tais como o idoso ser um indivíduo retrógrado, desconfiado, rabugento, saudosista, ou o contrário: sábio, bondoso, confiável, são substituídos por representações de figuras nas faixas etárias mais avançadas com comportamentos e valores inovadores. Nada de cadeiras de balanço, nada de decrepitude, abandono, rabugice, alquebraria, bondade eterna, sapiência de ancião “mazelado”, reclamando ou conformado. A construção desses grupos cria reconhecimento, modos de vida e sociabilidades. Eles se cuidam para não ficarem velhos dependentes e criam uma auto-imagem de independência representada pelo auto-cuidado, por terem direitos, por participarem de coletivos longe do domínio da família. Naquela cidade como em tantas outras do Brasil tornou-se comum ver idosos fazendo ginástica nas quadras públicas, nadando em piscinas de hotéis, dançando, se encontrando em clubes recreativos.

Nos grupos há um aspecto de saberes que não são do tipo “saberes locais”, nem uma revelação, são noções obtidas, reelaboradas e incorporadas para dar sentido à experiência dos grupos, nas quais registram-se práticas de sociabilidades originalmente concebidas por outras vias, a partir da presença das instituições que criam modos de vida. Tais práticas são ressignificadas e ganham características locais, passando a ser expansivas, como são as formas predominantes de interações locais.

O velho pobre agrupado ressignifica a velhice. No seu mapa classificador predomina a característica da velhice a idéia de que velho é sempre o outro, o mal humorado, triste, o que não se cuida, “não tem atividade”, não se diverte, não participa, os seja, não mais se integra na sociedade. Enquanto as características do indivíduo da terceira idade são em tudo positivas.

O velho pobre realiza diversas sociações: a sociabilidade pura tal qual expôs Simmel como formas de lazer desinteressado, e outras interações comprometidas com os indivíduos com quem forma grupos de terceira idade. Essa sociabilidade inclui afetos, demonstrações de carinho, confidências e “desabafos” terapêuticos. Ambas, atendem a necessidades dos indivíduos, tais quais, emocionais de convivência, apoio, aceitação, e intelectuais – termos de referências e representações.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, leis, decretos (2002), *Estatuto do idoso*, 2ª ed, Fortaleza, Livro Técnico.

BECKER, Howard (1993), *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*, São Paulo, Hucitec.

CABRAL, Benedita Edina et alii (2003), “Lazer nos grupos de convivência para idosos: uma experiência de sociabilidade”, *Revista Par’á’iwa*, Nº. 4, João Pessoa, [PPGS-UFPb](#).

DEBERT, Guita Grin (2002), *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas*, São Paulo, ANPOCS. (Coleção: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 34, CD-ROM).

DEBERT, Guita Grin (2004), *A reinvenção da velhice; socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*, São Paulo, EDUSP.

DURKHEIM, Emile (2000), *As formas elementares de vida religiosa*, São Paulo, Martins Fontes.

IBGE (2006), *Pesquisa Nacional por amostragem de Domicílios – PNAD*. Protocolo disponível em: <http://ibge.gov.br> [Data de acesso: 10 de maio de 2006].

IBGE (2002), “Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil – 2000”, *Informação Demográfica e Socioeconômica*, nº 9,. Rio de Janeiro, IBGE.



LENOIR, Remi (1998), «Objeto sociológico e problema social» Em Patrick Champagne et alii, *Iniciação à prática sociológica*, Petrópolis, Vozes.

MENEZES, Paulo Elpidio de (1985), *O Crato de meu tempo*, Fortaleza, UFC.

MOTTA, Alda Britto da (2003), «Chegando pra idade», Em Myrian Moraes Lins de Barros (Org.), *Velhice ou terceira idade?* 3ª ed, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.

MOTTA, Alda Britto da (2004), «Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional», Em Clarice Ehlers Peixoto (Org.), *Família e envelhecimento*, Rio de Janeiro, FGV.

PEIXOTO, Clarice E. (2000), *Envelhecimento e imagem; as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*, São Paulo, Annablume.

PEIXOTO, Clarice E. (Org.) (2004), *Família e envelhecimento*, Rio de Janeiro, FGV.

PINTO, Louis (1998), «Experiência vivida e exigência científica de objetividade», Em Patrick Champagne et alii, *Iniciação à prática sociológica*, Petrópolis Vozes, 1998.

SIMMEL, Georg (1983), *Sociologia*, São Paulo, Ática.

WIRFH, Louis (1979), «O urbanismo como modo de vida» Em Otávio Guilherme Velho (Org.), *O fenômeno urbano*, 4ª ed, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

¹Notas

As estimativas para o Crato em 2007 são: população total: 111.894, população idosa: 10.182

² Valores do salário mínimo em Junho de 2008: R\$ 380,00 (Reais), ou 146 € (Euro).